

SER MILITAR NUM MUNDO ÀS AVESSAS

Exmo. Senhor Director do Colégio Planalto, Dr. António Leitão

Exmo. Senhor...

Caro Dr. Artur Matos Correia

Minhas senhoras e meus senhores

Em primeiro lugar queria agradecer o convite que me foi endereçado, que julgo ser devido mais à amizade do Dr. Artur do que ao meu valor! Seja como for é para mim uma honra estar aqui hoje no dia do Colégio!

Ser militar num mundo às avessas, o tema que me foi proposto, foi por mim abordado na perspectiva da História do Exército português, a única instituição exclusivamente nacional presente desde a Fundação!

E quanto à poesia?

Os poetas às vezes vestem-se de Soldados (como Rodrigo Emílio nos lembrava em 1973!) E os Soldados por vezes fardam-se de poetas! Poesia e Guerra! Não deveria haver nada mais incompatível e no entanto desde sempre coexistem (desde a Ilíada até às nossas Campanhas de África, passando pela poesia da IGM que fez refulgir nomes como os de Siegfried Sassoon, Guillaume Apollinaire, Gabriele D'Annunzio ou Augusto Casimiro), alimentando-se mutuamente! Talvez porque sendo uma situação limite a Guerra “convida” à expressão de sentimentos que permitem suportar, e às vezes justificar, aquela situação limite, como o Amor, o Medo, a Alegria, a Tristeza, a Fé, a Esperança, o Desespero, a Saudade! Sabe-se que a Poesia é quase sempre a expressão desses sentimentos! Ou pode incitar ao Amor Pátrio e, como corolário, revestir-se da forma de Poema Épico agregador de vontades!

Quanto aos militares, vestidos ou não de poetas, são treinados e existem para actuar naquela situação, a mais terrível que o Homem foi capaz de inventar e é capaz de proporcionar – a Guerra! Não há situação mais “virada do avesso”, mais contra natura do que essa! Quanto ao Exército português, porque nunca poderia ter sido uma excepção, também ele se viu “virado do avesso” ou seja em Guerra!

Mas fê-la, primeiro construindo e depois defendendo Portugal!

Por isso as palavras que se seguem falam de Portugal, da sua História, dos seus Soldados e dos seus Combatentes!

Forjado na luta, no combate árduo, alicerçado na vontade férrea dum Príncipe que era um Líder, Portugal foi, desde bem cedo, um país único! Contrariando a geografia e a própria lógica feudal separou-se de Castela e soube, pela coragem e pelo sangue,

garantir a sua soberania tendo alargado depois os seus horizontes ao reconquistar para a Cristandade terras submetidas ao Califado de Córdova! Foi, pois, uma independência conquistada com sangue, suor e lágrimas! E no final do século XIII, Portugal já tinha as suas fronteiras peninsulares definidas! Houve liderança!

Uma vez consolidada a independência veio o tempo da expansão! E essa foi uma aventura, sob todos os pontos de vista, grandiosa, magnífica! Ainda hoje causa admiração pelo grau de dificuldade, pela determinação e persistência que foi preciso ter, pela capacidade de Planeamento a longo e muito longo prazo, pela coragem, enfim pela lusitana paixão que foi necessário cometer a tal empreendimento! O povo pôs ao serviço da Pátria as suas reconhecidas qualidades e soube sempre suplantar os seus defeitos! E houve liderança!

Questões dinásticas levaram ao governo um rei duplamente estrangeiro (porque era espanhol e um Áustria!) mas ao fim de sessenta anos voltámos a ter um soberano português! Seguiram-se 28 anos de luta – a guerra da aclamação ou da restauração – com as características de resistência, perseverança e coragem do povo a virem ao de cima! E, mais uma vez, houve liderança!

Vieram tempos de prosperidade e reforma que alternaram com outros de desespero. As invasões francesas, a independência do Brasil, a guerra civil! E no final do século XIX, após a Conferência de Berlim, uma nova Íncrita Geração (que passou à História como a geração de Mouzinho) procedeu à ocupação efectiva das partes de África que nos tinham sido atribuídas no decurso dessa Conferência! Embora não fossem, na totalidade, as terras que havíamos reivindicado (as do célebre mapa cor-de-rosa) essa foi mais uma tarefa hercúlea, que alargou o nosso “chão sagrado”! E que se manteve como tal até bem tarde no século XX! Defender os nossos territórios ultramarinos era matéria de consenso nacional! E assim foi até aos anos 60 do século passado ou no mínimo até á conferência de Bandung de 1955! E quando chegaram as Campanhas de África, de que se assinalaram, ontem, os 63 anos do início, voltaram a ver-se as qualidades do Soldado português! Porque, citando Mouzinho, na sua “Carta ao Príncipe Real D. Luís Filipe” aquando da sua nomeação para seu Aio, *“ser soldado não é arrastar a espada, passar revistas, comandar exercícios, deslumbrar as multidões com os doirados da farda. Ser soldado é dedicar-se por completo à causa pública, trabalhar sempre para os outros. (E para se convencer, olhe Vossa Alteza) é ver o soldado em campanha. Porventura vê-se só a marchar e a combater?”*

Cava trincheiras, levanta parapeitos, barracas e quartéis, atrela-se às viaturas, remenda a farda, cozinha o rancho e o que tem de seu trá-lo às costas, na mochila. Desde os misteres mais humildes até ao mais sublime, avançar de cara alegre direito à morte, tudo faz porque todo o trabalho despido de interesse pessoal entra nos deveres (da profissão). Trabalho gratuito, sempre, porque o vencimento do militar, seja pré, soldo ou lista civil, nunca é remuneração do serviço, por não haver dinheiro que pague o sacrifício da vida”. Um espírito e uma dádiva que hoje e sempre devemos celebrar!

Nessas Campanhas de África em três Teatros de Operações, a milhares de quilómetros da metrópole e separados por outros tantos entre si, fomos capazes de uma logística gigantesca, uma capacidade estratégica geral militar notável, uma arte operacional elevada à maestria e uma adaptação táctica digna dos maiores encómios! Se algo falhou terá sido ao nível da política e da estratégia total do Estado!

Como refere Miguel Torga, “uma pátria é o espaço telúrico e moral, cultural e afectivo, onde cada natural se cumpre humana e civicamente. Só nele a sua respiração é plena, o seu instinto sossega, a sua inteligência fulgura, o seu passado tem sentido e o seu presente tem futuro”.

E o nosso passado se há coisa que tem é sentido! A História é, para uma Pátria, o seu mais importante património! Não se compra, nem se vende! Nem se deve deturpar, para o bem ou para o mal! É o orgulho nela que nos deve ajudar a trilhar os caminhos do futuro! Não repetir erros, é certo, mas nunca por nunca admitir que sobre ela se vertam as sombras da ignomínia!

Porque a nossa História é única (é sempre única a História de um país!) devemos fazer como Mouzinho, mais uma vez, aconselhava ao Príncipe Real *“Leia-a, relei-a, medite-a, estude-a, meta-a bem na cabeça e no coração. Na convivência dos seus antepassados aprenderá (Vossa Alteza) a ser como eles, forte, justo, simples e verdadeiro. E bem compenetrado do que eles fizeram, conhecendo-lhes a vida dia a dia, sentirá (Vossa Alteza) que deles vem, que é um deles. Assim sonhará com futuros de glória que se assemelhem a esse passado de grandeza, e sonhar assim é uma felicidade e uma força. Triste do homem que só cuida do presente, que só preza a intimidade dos vivos. Pobre daquele que precisa adormecer para sonhar com o futuro. No olhar saudosos para o que já passou, no imaginar o que há-de vir se vai formando a alma, se lhe vão apurando as qualidades, desenvolvendo a força.”*

E o que nos diz a História de Portugal sobre o nosso Exército? Digo-o em verso, numa espécie de homenagem aos que dele fizeram e fazem parte, nesta, por mim chamada,

BALADA DO SOLDADO...

Tu que foste fiel companheiro,
De Afonso, o rei conquistador,
Foste soldado, foste guerreiro
E entre os combates, agricultor...

Escolheste D. João, o primeiro,
Por ao castelhano teres horror,
Foste português de corpo inteiro,
Ajudaste a pátria com o teu valor...

Subiste a bordo do frágil veleiro,
Suportaste tudo até mesmo a dor,
Missionário, Soldado ou Marinheiro,
Ao serviço de Portugal, sem temor...

Nunca soubeste ser interesseiro
E na restauração foste conspirador,
Na guerra peninsular saíste a terreiro,
Para combater o pérfido invasor...

Em África, no inferno verdadeiro
Ou na Flandres no meio do horror,
Morreste de doença ou no atoleiro,
Mas nunca quiseste ser desertor...

E voltaste àquele africano braseiro,
Teu grande, primeiro e último amor,
Para encerrar o império derradeiro!
Fizeste-o sem ódio, como um senhor...

Resistente, humilde e aventureiro,

Foste onde o país quis, sem clamor,
Da Pátria terás sido o grande obreiro,
Mas tratam-te sempre com desprimor...

Há perigo? Querem-te companheiro!
Já não há? Afastam-se de ti sem pudor...
Dizendo que vives à custa do dinheiro
E do esforço do português trabalhador...

Mas és tu, que por seres o herdeiro,
Dos que estiveram com o rei fundador,
Representas o Portugal Eterno e Inteiro!
Tu, Soldado, tu mereces o nosso Amor!

Para o bem e para o mal, tal como dizia Mouzinho, “*este Reino foi obra de Soldados*”!
Infelizmente, hoje em dia, não se conhece a nossa História! E alguns, sem a conhecer
ou, o que é pior, conhecendo-a, fazem sobre a mesma juízos de valor extemporâneos,
porque desfasados do tempo onde essa História aconteceu! E por isso, mais uma vez em
verso,

ERA UMA VEZ UM EXÉRCITO

Com a coragem serena dos fortes
E sem alardes é parte da História
Deste país com escassa memória...
Há muito só tem lacunas e cortes
E desprezo sem honra nem glória...

A definhar em agonia prolongada,
Em silêncio, incapaz de se erguer,
À espera da morte! Dói só de ver!
Corpo de gente pobre desgraçada,
Que só serve para morrer e sofrer...

Muitos dizem ter sido feito assim,
De forma reles e pré determinada,
Por gente indigna, desqualificada...
E que tem feito tudo pelo seu fim...
Um moribundo não ameaça nada!

Mas é injusto e por várias razões!
Disse presente, desde a fundação
E nunca quis sobrepor-se à nação...
Não há lugar à cólera das legiões!
E por isso devia ter outra atenção...

Mesmo assim nunca pode morrer!
Está fraco mas terá de ser imortal!
Se ele desaparece nada será igual!
Haverá terra e gentes nela a viver...
Mas sem ele desaparece Portugal!

E, por ser assim, o nosso presente terá futuro?

Eu acredito na eternidade do nosso Exército porque quero acreditar na perenidade da nossa Pátria. E num mundo às avessas, considerando, tal como referido pelo Dr. Artur Matos Correia, o estado disfuncional em que se encontra a nossa sociedade e o mundo em geral, com as "pandemias", as ameaças apocalípticas do clima, os desastres ideológicos gerados pelo wokismo e a multiplicação de conflitos bélicos um pouco por toda a parte, é bom que haja Soldados de Portugal capazes de contribuir para endireitar esse mundo!

Tendo convivido de perto com as novas gerações ao longo de mais de 40 anos, e até há pouco tempo, sei que nas veias dos Soldados portugueses de hoje corre o mesmo sangue que corria nas veias dos nossos antepassados! E que se derramou em Ourique ou no Salado, em Aljubarrota ou Diu, Ormuz e Malaca, nos Guararapes, no Ameixial e Montes Claros, no Buçaco, nas linhas de Torres ou em Albuera, em Marracuene, Coolela, Macontene, nos Dembos ou em La Lys! O que corria e foi derramado em Angola, Moçambique e Guiné por aqueles cujos nomes enchem a parede sagrada no

Forte do Bom Sucesso! Se algo está mal, talvez seja uma questão de liderança...ou da falta dela! Sabe-se, por Camões, que o rei fraco, faz fraca a forte gente...

Portugal teve altos e baixos, o que é próprio das nações antigas como a nossa! Há, no entanto, algumas constantes que sobressaem: sempre que tem um desígnio em que acredita (mesmo que o resto do mundo julgue impossível de atingir!) e uma liderança, digna desse nome, que lhe descortine a alma, Portugal transcende-se e tudo alcança!

Não pode haver lugar à descrença, ao abandono da esperança! Diz-se que esta é a última a morrer! Mas, para quem sente o nome de Portugal a arder no peito, ela, a esperança, será sempre eterna e imortal! Repetindo Torga, o nosso presente tem futuro! Tem de ter! E vê-se em lugares de excelência como este onde nos encontramos!

Termino, mais uma vez em verso:

Era uma vez uma Pátria tão forte,
Única e grande, livre e orgulhosa,
Que parece andar ferida de morte...
Precisa, para voltar a ser gloriosa,
Do impulso da alma que a exorte...
E das cinzas, qual fénix vitoriosa
Renascerá, nação valente imortal!
E só aí se terá cumprido Portugal!

Lisboa, 16 de Março 2024

José Antunes Calçada

Tenente-General